

RELAÇÕES DE AMIZADE, COMPOSIÇÃO E DINÂMICAS: O CASO DE TRABALHADORES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL¹

FRIENDSHIP RELATIONSHIPS, COMPOSITION AND DYNAMICS: THE CASE OF WORKERS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES

Carlos Veloso da Veiga²

Luísa Martins Fernandes³

RESUMO

Como contributo para uma melhor compreensão científica da qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual que trabalham, este artigo analisa as relações de amizade de uma amostra de 21 trabalhadores incluídos há, pelo menos, 12 anos nas mesmas organizações empregadoras, em regime de contrato sem termo. Recolheram-se dados e testemunhos em dois momentos, com um intervalo de cerca de 10 anos. Os resultados, as reflexões e as considerações aqui apresentadas provêm de uma análise que se inscreve no campo dos estudos longitudinais. Assim, recorreu-se ao tempo como variável enquadradora da recolha de dados e a sua posterior análise, colocando em primeiro plano a situação profissional dos sujeitos da amostra. No essencial, os resultados mostram que, em ambos os momentos do tempo, as relações de amizade se apresentam, em regra, frágeis e inconsistentes, por ausência ou quase ausência de atividades conjuntas, conhecimento mútuo, confidencialidade, cumplicidade e outros atributos próprios deste tipo de relações interpessoais.

Palavras-chave: Amizade. Deficiência. Trabalho. Qualidade de vida

ABSTRACT

To improve our scientific understanding of the quality of life of workers with intellectual disabilities, this article focused on the analysis of the friendship relationships of a sample of 21 people who have worked for at least 12 years for the same employee under an open-ended contract. Data and testimonies were collected from each subject at two time periods, approximately 10 years apart. The results, reflections, and considerations presented here therefore arise from a longitudinal study. Thus, time was used as a framing variable for data collection and subsequent analysis, emphasizing the professional situation of the sample subjects. Our results show that, at both moments in time, friendship relationships are generally fragile and inconsistent, due to the absence (or near absence) of joint activities, mutual knowledge, confidentiality, complicity, and other attributes typical of this type of interpersonal relationship

Keywords: Friendship. Disability. Work. Quality of life..

1 Este artigo reproduz, em parte, o conteúdo do capítulo “Relações sociais e de interação” incluído em VEIGA, C. et al. Inclusão profissional e qualidade de Vida - Atualização longitudinal. Cacém: Selpinter, 2024.

2 Professor Associado com Agregação Aposentado. Investigador colaborador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

3 Professora de Educação Especial. Investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

INTRODUÇÃO

Em 2011, a ONU (Organização das Nações Unidas) decretou que o dia 30 de julho passaria a ser reconhecido como o Dia Internacional da Amizade, como forma de promover a amizade entre os povos e a cultura da paz global. Esse reconhecimento está intimamente ligado com o fato dos humanos serem seres gregários e necessitarem continuamente uns dos outros, terem necessidade intrínseca de partilhar as suas vidas com outros membros da sua espécie, sejam amigos, companheiros, vizinhos, colegas, familiares ou, simplesmente, pessoas conhecidas. Como pessoas e atores sociais, essa partilha parece ser fundamental para o próprio equilíbrio emocional e para a estabilidade da vida quotidiana. Como consequência desse processo de agregação, geram-se alianças entre pessoas que partilham valores, interesses ou procuram atingir objetivos comuns. Por outras palavras, obter equilíbrio emocional e estabilidade de vida obriga as pessoas a necessitarem de alguém em quem confiar, que as escute, ampare e apoie, com quem possam partilhar os pequenos e grandes momentos ou eventos das suas vidas. Nessa necessidade humana, as relações de amizade sobressaem, por permitirem que as pessoas partilhem, de forma livre e descomprometida, as suas alegrias e tristezas, as suas dúvidas e certezas, as suas angústias e esperanças

Por exemplo, neste caso, com recurso a um estudo de tipo longitudinal, procuramos obter respostas a questões, tais como: 1) Será que, devido à permanência continuada no mercado de trabalho e nas mesmas organizações empregadoras, a estrutura das relações de amizade se transformou ao longo dos 10 anos que mediam o recolhimento de dados? 2) Será que as relações de amizade dos trabalhadores da amostra estão contribuindo para melhorias nas suas vidas quotidianas, dotando os seus “pequenos mundos de vida” de mais qualidade de vida? 3) Será que no caso especial da dinâmica das relações de amizade com os colegas de trabalho, ocorreu progresso em termos do número de colegas envolvidos e do seu contributo para a qualidade de vida no trabalho, com repercussões para fora dos tempos e espaços das organizações empregadoras?

TEORIA DAS RELAÇÕES DE AMIZADE

A amizade concerne a relações interpessoais que decorrem da interação entre os seres humanos, podendo diferir-se na forma como se estabelecem, desenvolvem e cessam, em função dos locais onde acontecem e dos fatores que as proporcionam e alimentam. Sociologicamente, são relações não institucionalizadas ditas de sociabilidade (Forsé, 1991). As relações de amizade contribuem para a criação e o desenvolvimento dos vínculos sociais com que se constitui a vida quotidiana. Essas são relações que ocorrem em tempos e em espaços definidos e, por via das habilidades sociais, constroem-se e reconstroem-se a todo o tempo. A sua importância na vida das pessoas é tal que aumentar o número de amigos, bem como a interação, a frequência e a qualidade das relações de amizade é uma condição essencial para melhorar a qualidade de vida.

Para Fehr (1996, p. 7), a amizade é “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra”. Para Simmel (2006), a amizade representa uma “forma lúdica de socialização” ou de “relação pura”, desprovida de interesse específico, em que os sujeitos envolvidos exercem papéis simétricos. Segundo este autor, as relações de amizade são o tipo ideal das relações de sociabilidade, podendo contribuir para o próprio desenvolvimento de outros tipos de relações interpessoais, devido às oportunidades que podem proporcionar.

Segundo Santos (1994), das relações de amizade se esperam proveitos instrumentais (os amigos dão sempre algum tipo de assistência material) e afetivos (oportunidades, conforto

e os solução para os problemas e ideias). Para este autor, os amigos impactam na construção da realidade e no entendimento do mundo em que vivemos.

As relações de amizade existem em todas as sociedades, podendo ser consideradas uma necessidade social. Independentemente do número de amigos e as suas características, a amizade é uma relação livre, desinteressada, voluntária, simétrica e de intercâmbio, em que os envolvidos desempenham o mesmo papel social: amigo/amigo, ainda que os envolvidos esperem receber algo em troca da amizade manifestada. Não são todas iguais e podem ocorrer em qualquer lugar ou momento, variando em termos de quantidade de amigos, intensidade e impacto na vida dos envolvidos. São também uma realidade complexa e multifacetada. Por exemplo, existem os amigos de ocasião, os amigos íntimos, os falsos amigos e, cada vez mais, os amigos virtuais.

Os relacionamentos que resultam das relações de amizade são mantidos pela inter-relação de quatro conjuntos de fatores: ambientais (proximidade residencial, locais habituais da vida quotidiana, densidade populacional e comunicação numa rede social); situacionais (probabilidades de interação e frequência de contatos); individuais (critérios que presidem à escolha ou rejeição dos candidatos a amigos) e diádicos (pré-julgamentos que as pessoas fazem uma das outras). Nesse sentido, em conformidade com a revisão da literatura, fatores como quem somos, social e individualmente, são essenciais à formação das relações de amizade, como: lugares onde se vive, trabalha, estuda, por onde se transita ou se praticam atividades de ócio e lazer, o estatuto e a posição social ocupada, condições físicas, sociais e psíquicas, tipo de trabalho realizado, gênero de pertencimento, idade, capitais social e cultural, vizinhança, grupos de pertencimento, representações sociais perfilhadas, dentre outros aspectos (Hinde, 1997; Booth et al., 1998; Hamm, 2000; Antoniazzi et al., 2001; Simpkins; Parke, 2002; Linsey, 2002; Gifford-Smith; Brownell, 2003; Carvalho; Rubiano, 2004; Coll et al., 2004).

Em rigor, muito raramente alguém que esteja presente de forma continuada num dado espaço social deixará de aí fazer amizades, sem esquecer que é preciso investir tempo e energia nos relacionamentos para que aconteçam e a finalidade primordial seja a própria relação.

Ao atrás referido, acrescentamos que, segundo podemos interpretar de Aristóteles, em a “Ética a Nicómaco”, a amizade é fundamental para a qualidade de vida, algo que produz felicidade e melhores interações sociais no quotidiano das nossas vidas. Para o filósofo grego, a amizade é a arte de receber e doar, sem favores, intentos ou fins comerciais. No texto referido, Aristóteles considera que existem três tipos de amizade: a amizade interessada, de tipo accidental, cuja finalidade é instrumental, na qual a relação estabelecida visa, por adulação ou manipulação, beneficiar quem a inicia (falsa amizade); a amizade que busca o prazer, cujas relações são accidentais e ocorrem, em geral, durante a juventude, com o objetivo de partilhar eventos e momentos de diversão coletiva, mas que tendem a esmorecer na idade adulta, ou seja, quando passa a vontade ou desaparecem as oportunidades de partilha dos chamados bons ou agradáveis momentos de descontração e cumplicidade que as alimentava, e a amizade perfeita, que é o tipo ideal de amizade, raro, mas mais consistente e duradouro. Nesse tipo de amizade, inscreve o designado “melhor amigo”, com o qual as relações são íntimas, vinculativas, sinceras, desinteressadas, altruístas, resistentes à passagem do tempo, em que a partilha e o apoio dos amigos tanto ocorrem nos bons como nos momentos piores da vida quotidiana.

Para Santos (1994), as relações de amizade contemplam: autonomia (em oposição à dependência), imprevisibilidade (em oposição à rotina) e está limitada aos amigos (em oposição à abertura para os que não são amigos).

Portanto, a amizade não se pode confundir com os encontros diários, fortuitos e ocasionais e a sua essência reside no fato de existirem indivíduos que sentem prazer e alegria em estar juntos, gastarem algum do seu tempo a realizarem atividades conjuntas ou simplesmente na comunicação uns com os outros. Para o autor, caracterizam-se, também, pela possibilidade

de ruptura total com os amigos, algo que, por norma, não ocorre, nem com os companheiros de trabalho, nem com a família.

De acordo com Parker e Seal (1996), as relações de amizade podem passar por três fases sucessivas. A primeira é a fase inicial, que corresponde ao estabelecimento das relações de amizade, concretizando-se com a escolha dos amigos. A segunda é a fase de manutenção, que pode passar por momentos diferenciados de relacionamento entre os amigos. A terceira corresponde ao fim da relação.

As relações de amizade variam segundo níveis de duração e o seu fim nem sempre acarreta consequências negativas para os envolvidos. A escolha dos amigos e as manifestações e proveitos das relações de amizade também variam ao longo da vida, atingindo o máximo na idade adulta, enquanto dura a fase celibatária. Na infância prevalecem afetos, divertimentos e companhia, na adolescência predominam a lealdade, confiança e intimidade (Bukowski et al., 1996; Hartup, 1989), na idade adulta, valorizam-se a personalidade, interesses, sexo, idade, ocupação, rendimentos e escolaridade (Bell, 1981; Blieszner; Adams, 1992; Fehr, 1996; Rawlins, 1992; Carbery; Buhrmester, 1998).

Os pais afetam as amizades dos filhos pela estruturação de sua vida diária (Allès-Jardel et al., 2002), pelas suas próprias amizades (Uhlendorff, 1996). Os irmãos também exercem influência sobre as amizades (Cannoni, 2002; Friedman; Rizzolo, 2018).

Portanto, em termos de significação teórica, por amizade se deve entender a capacidade de promover e expressar interesses comuns e na eleição dos amigos, nas atividades e nos rituais de amizade é que se expressam e são reafirmadas as distribuições estatutárias. São os amigos que atestam os nossos valores, fortalecem a nossa capacidade de imaginar, de conhecer e de construir a realidade, ajudam-nos e apoiam-nos, dando qualidade às nossas vidas. Eles nos oferecem um sentimento fundamental de identidade e de pertencimento a um grupo. Queremos dizer com isso que, de certo modo, eles confirmam o nosso lugar no mundo social.

Sociologicamente, as relações de amizade são um processo social de tipo cooperativo. As relações de amizade produzem, tendencialmente, mais efeitos positivos que negativos para o relacionamento entre os amigos: bem estar (emocional, físico e social), cooperação, segurança, apoio pessoal e social, melhoria das habilidades pessoais e sociais, novas aprendizagens, redução do stress e da ansiedade, estimulação da criatividade, da imaginação e do sentido crítico, sentido de pertencimento, partilha de vontades e sentimentos, entre outros aspectos (Bell, 1981; Rizzo; Corsaro, 1995; Hinde, 1997; Booth et al., 1998; Miell; Macdonald, 2000; Salisch, 2001; Bukowski; Sippola, 2001; Sebanc, 2003; Adams; Plaut, 2003; Cordeiro, 2006; French et al., 2006; Souza; Hurtz, 2007). Alguns autores identificam e analisam alguns dos aspetos negativos da amizade, como atividade relacional, nomeadamente a competição, confronto verbal, agressividade, abuso e violência, que também ocorrem entre amigos (Hughes et al., 2001; Tomada, 2002).

Segundo Hinde (1979), analisar as relações de amizade deve considerar a forma, conteúdo, intimidade, reciprocidade e complementaridade, diversidade, compromisso, qualidade e frequência das interações, verificando-as em termos da sua estrutura e da dinâmica do comportamento individual e social que as envolve. Acrescentamos, ainda, as suas dinâmicas ao longo do tempo (formação, desenvolvimento, rupturas e continuidades). Tratando-se de analisar as relações de amizade que envolvem pessoas com deficiência intelectual incluídas profissionalmente, não podemos deixar de concordar com Carvalho (2009) e Alves e Galeão-Silva (2004), que tal como nós, consideram que inclusão profissional não poderá ter apenas valor econômico, mas deverá também proporcionar relações interpessoais positivas, convívio e participação na comunidade, ou seja, oportunidades de inclusão social em conformidade com o fato das relações interpessoais e a participação comunitária serem relevantes contributos para melhor qualidade de vida (Knox; Hickson, 2001; Vicente Sanchez et al., 2018).

Diante disso, a existência de relações de amizade entre colegas de trabalho é um importante meio de melhoria da qualidade de vida no trabalho e para além dele. Ter amigos no local de trabalho tem, seguramente, efeitos positivos, seja em termos de bem-estar emocional, seja em termos de melhoria do próprio desempenho laboral, segurança no emprego, pertencimento à organização empregadora e estímulo da assiduidade e pontualidade, entre outros efeitos positivos. Há, também, um aumento da produtividade, reduzindo o stress laboral e os efeitos negativos da rotatividade do pessoal. Evidentemente, as relações de amizade em meio laboral só produzem efeitos positivos quando os trabalhadores se respeitam, sem preconceitos ou estereótipos para mediar a relação, algo particularmente importante quando no conjunto dos trabalhadores existem pessoas com deficiência intelectual.

Apesar de não haver teoria que o explique de forma clara e inequívoca, vários autores mostram que a deficiência afeta as relações de amizade, variando os seus impactos, segundo o tipo e o grau de afetação dela (Weiserbs; Gottlieb, 2000; Bauminger; Kasari, 2000; Tamm; Prellwitz, 2001; Wiener; Schneider, 2002; Freeman; Kasari, 1998; Boutot, 2007; Bowen, 2008). As considerações e as conclusões desses autores chamam a atenção para a necessidade de não esquecer que estar incluído profissionalmente significa partilhar uma parte importante dos tempos e espaços da vida quotidiana. Ademais, quem trabalha passa mais tempo na companhia dos colegas de trabalho do que na companhia dos próprios familiares ou de outras pessoas com quem se interage, incluindo os amigos que existem fora das relações laborais.

Contudo, quando os trabalhadores são pessoas com deficiência intelectual, estabelecer e manter efetivas relações de amizade com outras pessoas pode ser um processo árduo e difícil, face às dificuldades comunicacionais que, em regra, sentem e às quais se podem acrescer outros fatores, como: a) baixa capacidade de compreensão das intenções dos outros e b) regras sociais que regem a relação entre a deficiência e a sociedade, que influenciam os relacionamentos entre pessoas com e sem deficiência. Tais regras, quando aplicadas às pessoas com deficiência intelectual, promovem representações dessas pessoas como intelectualmente inferiores, influenciando a forma como esses relacionamentos são geridos dentro e fora do ambiente laboral, impedindo ou dificultando a ocorrência e continuidade das relações de amizade. Convém, a esse propósito, ter presente que a inclusão profissional, para além dos relacionamentos que ocorrem obrigatoriamente por força da presença nos espaços físicos e sociais das organizações empregadoras, estendam-se para fora dos muros dessas organizações, ou seja, para além do horário de trabalho. Nomeadamente, isso pode ocorrer nas pausas para comer e descansar, no final da jornada de trabalho ou em encontros informais ou eventos organizados pelas próprias organizações empregadoras, no caso do convívio ou jantares de empresa, evitando ou restringindo os efeitos nefastos na qualidade de vida, provocados por sentimentos de isolamento e abandono.

Porém, como aqui se demonstrará, as pessoas com deficiência intelectual, ainda que incluídas profissionalmente, têm, de fato, poucos amigos, devido a participarem pouco nos espaços físicos e sociais da vida comunitária extralaboral, pois se relacionam especialmente com os seus familiares, em parte devido ao seu processo de socialização ter sido marcado pela presença de outras pessoas com deficiência intelectual e de profissionais pagos para o efeito. No entanto, autores como Barber e Hupp (1993), Knox e Hickson, (2001) e Switzky (2006) mostraram que as consequências das relações de amizade das pessoas com deficiência intelectual são similares às que ocorrem com as pessoas no geral, nomeadamente como propiciadoras de relações de reciprocidade e ajuda mútua, participação em atividades de recreio e lazer (Callus, 2017) e fontes de pertencimento a uma comunidade, bem-estar e suporte emocional e social (Lunsky, 2006; Cummins; Lau, 2003; Suárez et al., 2015).

Na nossa opinião, apesar das razões atrás referidas que vulnerabilizam e excluem as pessoas com deficiência intelectual, a existência de relações de amizade com pessoas sem

deficiência, mesmo não podendo ser tidas como relações efetivamente simétricas, gerando expectativas de reciprocidades equivalentes, não pode ser ignorada. Em conformidade com vários estudos sobre amizade e deficiência, a formação de amizade não se sustenta simplesmente na moral cristã, da caridade e da piedade com os socialmente desfavorecidos (Chappell, 1994; Knox; Hickson, 2001; Cushing, 2003; Pockney, 2006; Reimer, 2009; Grieg, 2015; Callus, 2017).

Teoricamente, importa também inferir que não devem confundir-se as relações de amizade com as relações de simples conhecimento, pois as diferenças entre amigos e conhecidos são muito relevantes. Efetivamente, por vezes, a amizade é confundida com outras formas de relacionamento, como a aceitação social (Linsey, 2002; Gifford-Smith; Brownell, 2003) e as relações de companheirismo e colegialidade (Simpkins; Parke, 2002). Um exemplo disso concerne ao companheirismo, seja na partilha de local ou para efeitos de educação, formação ou trabalho, sendo uma relação de tipo interpessoal, muitas vezes, espontânea, havendo pessoas que se tratam como iguais. Isso é mais frequente do que a amizade e podem identificar-se vários fatores que as separam. O mais importante será o contexto social particular em que tais relações são enquadradas. Os companheiros estão limitados pelo seu ambiente, enquanto a amizade pode continuar em contextos sociais diferentes. Quer isso dizer que, se no companheirismo os limites do vínculo estão estabelecidos de uma forma precisa, no âmbito das relações de amizade os limites têm um alcance maior. Requeña Santos (1994) aponta os colegas de trabalho como os casos mais correntes, em que o contexto laboral, de certo modo, justificará a interação e estabelecerá a base dos vínculos com os outros.

Porém, existem outros fatores que marcam as diferenças entre o companheirismo e a amizade: a) a relação entre companheiros é mais débil do que a amizade. Esta última estimula o prolongamento do vínculo, apesar das mudanças possíveis nas circunstâncias por que passa a relação. De forma contrária, os companheiros tendem, por definição, a terminar o vínculo quando um ou outro, por qualquer razão, deixa de participar no contexto que define a dita relação; b) é frequente que os companheiros se encontrem no seio de um grupo: o grupo de companheiros. Isso limita, de certa forma, a especialização e a particularização dos vínculos dentro do grupo, freando os laços individuais e c) no contexto específico do companheirismo, dá-se uma relação que permite disparidades estruturais entre os implicados. Tais disparidades não são toleráveis na relação de amizade (por exemplo: chefe/subordinado).

Héran (1988) defende que no espaço de trabalho, as formas de sociabilidade ocorrem, principalmente, entre aqueles que ocupam a mesma posição hierárquica ou entre parceiros neutros. As conversas desinteressadas são raras entre superiores e subordinados e tendem a acontecer com pessoas do mesmo sexo e da mesma geração. Sem esquecer que, como os capitais cultural e educacional podem ser motivos significativos e determinantes na escolha das amizades, é preciso considerar que se os sujeitos envolvidos não puderem oferecer uns aos outros bens de valor simbólico equivalentes, presumivelmente a relação não perdurará ou será instável. Ainda assim, Santos (1994) considera que outra característica da amizade, a cortesia, entendida como a “boa vontade em se igualar”, se aplica, principalmente, aos casos de amizade em que não há equivalência nos volumes dos diversos capitais.

METODOLOGIA

A estratégia metodológica adotada na pesquisa consistiu na concretização de um estudo de tipo longitudinal. Segundo Forgues e Vandangeon-Derumez (1999), os estudos longitudinais são tipos especiais de estudos de caso, nos quais os dados são recolhidos no mínimo em dois momentos, focando-se em idênticas amostras de indivíduos ao longo de um tempo, mais ou

menos longo, para serem comparados, recorrendo ao tempo como variável enquadradora. Centram-se na análise das mudanças e continuidades de variáveis e indicadores em pauta, constituindo um relevante recurso para a compreensão e explicação da transformação e da reprodução social ocorrida num determinado espaço-tempo.

Existem inúmeros estudos longitudinais abrangendo pessoas com deficiência. A grande maioria se inscreve no campo da medicina e da reabilitação física. Os artigos publicados são, em boa parte, dedicados às sequelas provocadas pelas doenças crônicas ou incapacitantes, decorrentes de acidentes ou do envelhecimento das pessoas com ou sem deficiência registada anteriormente. Noutros domínios científicos, são em número muito inferior.

Majoritariamente, as pesquisas decorrem dos campos científicos da psicologia e da educação e, muito raramente, no campo da sociologia. Esse é o caso de vários estudos realizados ao longo de várias décadas por: Harasymiw, Horne e Lewis (1976); Osborne et al. (1991); Bear et al. (1993); Werner (1993); Maras e Brown (1996); Capella et al. (2002); McConkey e Mezza (2001); Stevens (2002); Emanuelsson (2003); Brown et al. (2007); Werner (1993); Janus (2009); Wendelborg e Tøssebro (2010); Cramm e Nieboer (2012), com destaque para os diretamente conectados com o estudo aqui apresentado (Stephens et al., 2005; Fuente Anuncibay, 2007; Domínguez, 2014; Ra; Kim, 2015).

Por realizar-se no âmbito da sociologia, este estudo se enquadra no chamado “estudo de painel”, ao coletar dados em dois momentos do tempo, com um intervalo de 10 anos, de forma a determinar e analisar, sobretudo, os efeitos em longo prazo nas relações de amizade usando a mesma amostra de trabalhadores com deficiência intelectual incluídos exatamente nas mesmas organizações empregadoras.

A abordagem metodológica seguida se inscreve no paradigma participativo e emancipatório, recorrendo ao envolvimento e à valorização das opiniões dos trabalhadores da amostra, pessoas com deficiência intelectual, como forma de contrariar a escassez de estudos que as incluem (Mason et al., 2013; Callus, 2017). O recurso a este paradigma visa também contrapor-se às pesquisas que, no domínio da qualidade de vida, especialmente envolvendo pessoas com deficiência intelectual, baseiam-se, geralmente, na opinião dos profissionais que as apoiam e/ou dos seus familiares, não lhes dando voz a respeito das suas vidas (Walden et al., 2000; Sabaz et al., 2001; Walsh et al., 2001; Cummins, 2002; Hatton; Ager, 2002).

A amostra principal é composta por 21 trabalhadores com deficiência intelectual, cuja situação de inclusão profissional pode considerar-se duradoura e segura, pois os contratos de trabalho vigoram há pelo menos 12 anos nas mesmas organizações empregadoras. Os dados foram obtidos por via de um inquérito por questionário de aplicação indireta a esses trabalhadores nos seus locais de trabalho. Complementarmente, realizaram-se entrevistas semidiretivas a amostras por conveniência compostas por familiares, amigos, colegas e responsáveis das organizações empregadoras, no total de quatro pessoas por trabalhador, o que perfaz um total de 84 entrevistas. Os 21 trabalhadores se repartem em 9 homens e 12 mulheres com idades entre 0 32 e 56 anos, para uma média de, aproximadamente, 39 anos. Três são casados (3 mulheres), 1 vive em união de fato (homem) e os restantes permanecem solteiros.

Antes e no decurso do processo de recolha dos dados, foram respeitados integralmente os procedimentos éticos adequados. Os trabalhadores com deficiência intelectual deram o seu consentimento informado por escrito e os restantes envolvidos oralmente no início da gravação (ou não) das entrevistas efetuadas. Todas as entrevistas foram integralmente transcritas e analisadas no seu conteúdo, tendo como base a subdimensão das relações de amizade integrada na dimensão das relações sociais e de interação do modelo de qualidade de vida de Veiga et al. (2024), cujo conteúdo consta na Tabela 1.

Tabela 1: Subdimensão das relações de amizade do Modelo de Qualidade de Vida de Veiga et

Dimensão 1 – Relações Sociais e de Interação	
Relações de Amizade	Identificação de alguns amigos; composição das redes segundo os locais da sua constituição; situação dos amigos perante a deficiência, género, estatuto socioeconómico, local de residência, idade; dinâmica e intensidade das relações; identificação do melhor amigo; amigos com os quais existe maior relacionamento no dia-a-dia; amigos a quem se recorre em caso de necessidade; como conheceu os amigos; se os amigos são suficientes ou não; impactos na relação com os amigos após a inclusão profissional; se aumentou o número de amigos; que tipo de saídas com os amigos no final do dia de trabalho.

Fonte: Veiga *et al.* (2024, p. 22)

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

A estrutura das relações de amizade

Composição geral

No inquérito por questionário, aplicado aos trabalhadores da amostra, foi pedido que indicassem o 1º nome e apelido, profissão, idade e local de residência, bem como a frequência da interação de, no máximo, 5 amigos. Foi também pedido que identificassem cada um dos amigos na qualidade de vizinho, colega de escola ou formação profissional ou colega de trabalho.

De acordo com os indicadores, o número dos amigos dos trabalhadores da amostra decresceu de 99 para 47 (menos 52,5% do que anteriormente). Além disso, os dados mostram uma quebra na percentagem de trabalhadores que identificaram exatamente 5 amigos, a qual passou de 80,9% para 14,3% e um aumento de 0% para 38,1% na percentagem de trabalhadores que identificaram 2 ou menos amigos. Isso é uma consequência geral do fato de as redes de relações de amizade da maioria dos trabalhadores identificadas anteriormente terem se reduzido ao longo do tempo. Essa redução está associada a uma ampla alteração da sua composição, facilmente visível quando se procede à comparação dos atuais amigos com os anteriormente identificados. A análise comparativa mostra que dos 99 amigos anteriormente identificados apenas se mantiveram 21, o que significa que todos os trabalhadores da amostra perderam amigos entre os dois momentos do recolhimento de dados. A transformação ocorrida é de tal ordem que nenhum dos trabalhadores passou a ter mais amigos e 38,1% perderam todos os amigos anteriormente identificados. Ademais, anteriormente, foram identificados, em média, 4,1 amigos(as) por trabalhador. Face ao decréscimo do número de amigos, essa média caiu para 3,1.

Composição segundo a deficiência

De acordo com os anteriores indicadores, o conjunto dos amigos identificados positivamente era composto por 86,9% pessoas sem deficiência e 13,1% pessoas com deficiência intelectual. Segundo os dados atuais, regista-se uma redução da presença de pessoas sem deficiência (79,3%) e um aumento da percentagem de pessoas com deficiência intelectual (20,7%). Os amigos com deficiência intelectual se repartem de forma equilibrada entre os trabalhadores segundo o gênero, 18,8% no caso masculino e 24,3% no caso feminino, valores percentuais superiores aos anteriormente apurados, mantendo-se a tendência das trabalhadoras identificarem mais amigos com deficiência (15,8%) do que os trabalhadores (9,5%).

Composição segundo o sexo

Globalmente, considerando o sexo de pertencimento dos amigos, se anteriormente os amigos do sexo masculino eram 49,5% e os do sexo feminino 50,5%, na atualidade passaram a ser 46,4% e 53,6%, respetivamente. Porém, e tal como acontecia anteriormente, quando se analisa separadamente a distribuição dos amigos segundo o gênero dos trabalhadores, verificamos que a larga maioria dos amigos são do mesmo gênero de pertencimento, 78,6% no caso dos trabalhadores e 75% no caso das trabalhadoras. Em ambos os casos, as percentagens continuam próximas das anteriormente verificadas, 69,4,3% e 82%, respetivamente.

Composição segundo o estatuto socioeconômico

No que se refere ao estatuto socioeconômico dos atuais amigos dos trabalhadores verificamos que, globalmente, não existem alterações face ao registado anteriormente. Na verdade, os atuais amigos continuam, majoritariamente, a partilhar com os trabalhadores da amostra estatuto socioeconômico equivalente, mantendo-se a proximidade social anteriormente identificada. De fato, tal como anteriormente, a larga maioria dos amigos exerce profissões que indiciam pertença a classes sociais que podemos classificar como baixa/média-baixa, com profissões pouco ou nada qualificadas, eventualmente mal remuneradas, cujos volumes dos capitais cultural, escolar e simbólico serão equivalentes aos dos trabalhadores e das suas famílias: ajudantes e auxiliares diversos, operários, mecânicos, pintores, jardineiros, trabalhadores rurais, carpinteiros, empregadas domésticas/limpeza, dentre outros.

Composição segundo os locais da sua constituição

Por um lado, o número de amigos cujo relacionamento se iniciou nas organizações para pessoas com deficiência no local em que efetuaram a formação profissional que lhes permitiu aceder ao mercado de trabalho, decresceu 50%. O decréscimo das relações de amizade com origem na frequência das escolas (colegas) e na influência das próprias famílias é ainda mais acentuado, atingindo 60% no caso das escolas e desaparecendo totalmente no caso das famílias. Essas variações mostram que, entre o tempo anterior e o tempo atual, os amigos mais antigos, os dos tempos de escola, e os amigos provenientes das relações familiares deixaram de fazer parte das redes de relações de amizade. Dito de outro modo, os trabalhadores da amostra estabelecem relações de amizade essencialmente com pessoas socialmente próximas, deles e das suas famílias, partilhando estatutos socioeconômicos equivalentes, modos e estilos de vida semelhantes e, eventualmente, gostos, desejos e aspirações equivalentes.

Por sua vez, a quantidade de amigos, devido à proximidade residencial também perdeu importância, tendo decrescido 71,4%. No caso das relações de amizade com colegas de

trabalho, também existiu um decréscimo de 19,1%. Finalmente, o residual contributo de grupos informais de pertencimento para a existência de relações de amizades deixou de se fazer sentir, ao decrescer para 0%. Nesse caso, percebe-se que, com o avançar da idade, os familiares, pais e irmãos em particular, perderam influência na constituição e manutenção das relações de amizades dos trabalhadores da amostra. O único indicador com crescimento positivo diz respeito aos contributos dos próprios amigos como contribuidores para novas amizades, que cresce 75% face ao registado anteriormente.

Tal como anteriormente (63,2% dos casos), os dados atuais mostram que a maioria dos amigos atuais (52,7%) vive em lugares afastados dos locais onde residem os trabalhadores da amostra. Este fato conduz à pouca importância do espaço residencial e de proximidade na formação e continuidade das relações de amizade e à relevância da importância dos locais de trabalho de onde continuam a ser provenientes a maior parte dos amigos que residem nesses lugares.

No caso dos amigos que habitam nas mesmas ruas dos trabalhadores, nota-se um incremento relativo do peso das relações de vizinhança para a formação das redes de amizade, dado que aumentaram de 17,7% para 26,7%. Os restantes amigos residentes nas proximidades (20,9%), que não são propriamente vizinhos, mantêm praticamente o percentual registado no tempo anterior (18,9%).

Composição segundo a idade

Anteriormente, as idades dos amigos dos trabalhadores oscilavam entre os 12 e os 86 anos, com uma média de 33,7 anos, média ligeiramente superior à média das idades dos trabalhadores (29,7 anos). Ademais, verificava-se que 79,5% apresentavam idades entre os 20 e os 40 anos, intervalos de idades em conformidade com as idades da maioria dos trabalhadores da amostra. Na atualidade, considerando que no intervalo entre 30 e os 50 estão as idades de consonância como as atuais idades dos trabalhadores, o percentual de amigos dentro desse intervalo cifrou-se em 55,1%, indiciando a existência de mais amigos com idades relativamente distantes das idades dos trabalhadores da amostra. Atualmente, apesar do intervalo de variação das idades dos amigos ser menor, entre 22 e os 64 anos, a média etária subiu para 40,7 anos, mantendo-se próxima da média das idades dos trabalhadores (39,2 anos). Tal como anteriormente, vários trabalhadores (38,1%) não souberam indicar as idades de um ou mais amigos identificados positivamente, desconhecimento que diminuiu face ao registado anteriormente (47,6%).

Em termos de diferenciação segundo o sexo, nota-se que, em média, as idades dos amigos dos trabalhadores (38,4 anos) são ligeiramente inferiores à média das idades dos amigos das trabalhadoras (41,2), sendo que a média das idades dos trabalhadores é de 39,3 anos e das trabalhadoras de 39,1 anos.

A dinâmica das relações de amizade – do anteriormente ao atualmente

Considerando o grau da ocorrência dos contatos com os seus amigos, os indicadores provenientes dos testemunhos dos trabalhadores mostram um aumento de 71,7% para 85,6% das interações que ocorrem com alguma regularidade, uma redução das interações de média intensidade de 21,2% para 11,6%. Por sua vez, as interações de baixa intensidade decresceram de 7,1% para 2,9 %. Da interpretação desses indicadores deve reter-se que, apesar da perda dos amigos anteriores e do menor número de amigos atuais, a generalidade dos trabalhadores considera que as atuais relações de amizade ocorrem com pessoas mais presentes nas suas vidas quotidianas do que anteriormente. Por outras palavras, segundo os próprios trabalhadores, a

redução do número de amigos possibilitou o acesso a novas amizades, percebidas como tendo mais qualidade: “tenho mais colegas com quem posso contar; estes são bons amigos, bastam; por que me ouvem, dão-me atenção e estão dispostos a ajudar-me”. Digamos que, segundo a avaliação dos próprios trabalhadores, a reconstrução das redes de relações de amizade proporciona mais proveitos instrumentais e afetivos e o aumento dos bons momentos que partilham com os amigos, mais intimidade e sinceridade da parte desses amigos.

Por essa razão, atualmente, 38,1% desses trabalhadores consideram que a qualidade da relação com os seus amigos aumentou e que 47,6% consideram que costumam encontrar-se com os amigos no final do dia de trabalho, valor que suplanta ligeiramente o anteriormente registado (40%). Atualmente, aos fins de semana, ainda de acordo com o testemunho dos próprios trabalhadores, são 23,8% que interagem em atividades ou encontros com os seus amigos.

No que concerne à apreciação dos trabalhadores quanto à existência de amigos em número suficiente, se anteriormente 71,4% dos trabalhadores consideraram ter amigos suficientes, essa percentagem se mantém exatamente igual, apesar da diminuição geral do número de amigos. Os fatores justificativos da suficiência continuam a estruturar-se com base em fatores que são próprios das relações de amizade: proximidade relacional; solidariedade; partilha e resistência da amizade, devido ao longo tempo da sua duração (velhos amigos), identificando-se algumas influências diretas da continuidade da inclusão profissional ao longo do tempo:

Tenho mais amigos aqui dentro que lá fora; gosto de ter só estes amigos; já os conheço há algum tempo e eles a mim; é melhor ser poucos e bons que muitos e fracos; gosto deles porque são uma família; porque confio neles; porque acho que não tenho de ter muitos amigos, tenho de ter amigos que gostam de mim, em quem confio; chegam-me, são suficientes e posso falar com eles sempre através da internet; porque para o que preciso elas estão sempre disponíveis; hoje, se formos a ver não há amigos, para me lixar há muitos, hoje há poucos ou nenhuns; muitos são falsos, poucos e bons.

Considerando a avaliação que os trabalhadores fazem da dinâmica das suas relações de amizade, nomeadamente em termos da entrada de novos amigos nas suas redes nos últimos meses (42,9%), os dados mostram que decorrem do aproveitamento de oportunidades proporcionadas pela presença em locais frequentados onde puderam socializar com novas pessoas, comprovando que quem está presente de forma continuada (conforme foi mencionado na citação anterior) num dado local, fará novas amizades. Nos casos em concreto, foram: café; ginásio; vizinhança e organização empregadora. Ademais, 42,9% dos trabalhadores consideram que o fato de continuarem a trabalhar tem sido decisivo para, pelo menos, manter o número de amigos, valor inferior ao registado anteriormente a este propósito (88,9%). São esses indicadores que permitem compreender que a elevada percentagem dos amigos perdidos ao longo do tempo tenha sido, em parte, compensada com a entrada de novos amigos, provando que as relações de amizade se (re)constroem a todo o tempo.

A principal atividade realizada pelos trabalhadores na companhia dos amigos continua a ser o convívio que decorre dos encontros em cafés ou pastelarias, apesar dos dados indicarem uma redução de participação de 61,9% para 47,6%. Portanto, essa prevalência mostra que o pretexto mais comum que orienta os encontros entre os trabalhadores e os seus amigos se estrutura em torno do simbolismo das práticas alimentares que servem de pretexto a esses encontros, algo que segue a prática dominante de convivência social existente na sociedade portuguesa, em que “tomar um café” também significa oportunidades de socialização com amigos ou simples conhecidos. O mesmo aspecto se pode inferir do fato da segunda atividade

mais importante continuar a ser do domínio alimentar, como sucede com a participação em almoços/jantares (38,1% vs 38,1%) na companhia dos amigos. Se acrescentarmos a importância dos passeios conjuntos (38,1% vs 33,3%) e dos encontros em centros comerciais, percebemos que as relações de amizade se expressam, sobretudo, em lugares públicos de acesso livre, mais do que nos espaços privados de acesso restrito, como será o caso das visitas aos próprios amigos, as quais continuam a não envolver mais de um terço dos trabalhadores da amostra (33,3% vs 33,3%).

Todas as restantes atividades que envolvem interação de cumplicidade e partilha com os amigos, sobretudo as que envolvem dispêndio monetário, continuam a participar relativamente poucos trabalhadores da amostra. Referimo-nos a atividades como navegar na internet (23,8%); assistir a jogos de futebol (19%); assistir a programas de tv (19%); compras (19%); jogar computador (9,5%); praticar desporto (9,5%); ir ao cinema (9,5%); jogar cartas (9,5%); jogar bilhar (9,5%); ida a discotecas (4,8%); ouvir música (4,8%) e ler revistas e jornais (4,8%). Atividades como idas ao teatro ou visitar familiares não contaram com a participação de quaisquer amigos. Todavia, de acordo com os testemunhos dos familiares, em apenas 19,1% dos casos há lugar ao reconhecimento da existência de interação regulares ao longo do tempo dos trabalhadores com os seus amigos, tanto ao final do dia de trabalho, como aos fins de semana, folgas e feriados (anteriormente, esse reconhecimento atingia 21,2%). São apresentados, a seguir, alguns testemunhos ilustrativos:

O que costuma fazer no final do dia quando chega a casa? É pensar deitar-se no sofá. E depois faz o jantar e dá banho há menina e é a vida dela, de casa. E aos fins de semana? No geral ao fim de semana é ir sempre trabalhar. Só se tiver o dia da folga. Se não, tem que ir trabalhar. E no dia da folga? É fazer mais limpeza em casa. Não pode sair de casa, porque tem as coisinhas dela em casa para fazer (familiar).

O que costuma fazer no final do dia, quando chega do trabalho? Olhe, quando vem, quando vem muito cansado, toma banho, almoça. Deita-se um bocado. Mais tarde vai cuidar do cachorro que já tem 11 anos. E aos fins-de-semana? Se puder dá um jeitinho nas nossas coisas aí de jardinagem. É mais o menos isso assim (familiar).

E ela sai á noite? Ela sair á noite não sai. Não. Sai, às vezes, com um rapaz que é amigo dela mas vem para casa e mais nada. O que costuma fazer no final do dia e aos fins de semana? Costuma estar com esse rapaz que é amigo dela. Se costumam, por exemplo, ir passear, ir até ao café? É raro, é raro. Estão mais em casa a ver coisas no computador (familiar).

E final do dia de trabalho e aos fins-de-semana? E que atividades faz? Normalmente, quando no fim do trabalho, já tem a miúda para tomar conta pouco dá para sair. Às vezes manda-me uma mensagem e eu, às vezes, respondo-lhe ou assim, mas pouco dá para sair. Mas saíam do trabalho iam tomar um cafezinho? Durante a semana, não, era mais ao fim de semana (amiga).

O que é que ele costuma fazer no final do dia e aos fins de semana? É assim aquilo que eu sei, o que ele costuma fazer ao fim de semana que ele tem um emprego de segunda a sexta e tem sábado e domingo livre. Ele costuma ficar casa, e tem um vício se assim se pode dizer, o Facebook. Está sempre Facebook, pronto, e costuma ir [...] temos aqui o G., que é um centro comercial onde tem o A. O supermercado e ele costuma lá ir aos fim de semana, ou vai ao FA... também é um centro comercial... (familiar).

E à noite, costuma sair com amigos? Sim, ele costuma, portanto...Ele vai fazer passeios mais a namorada, saem, quando sai do trabalho vai logo pá taberna beber uma fresquinha. E depois, pronto, vem jantar. Sabe que tem aquela hora pra jantar, vem jantar e depois torna a sair outra vez pra beber um cafezinho e pa tar mais um pouco à fresquinha (familiar).

Ele sai com os amigos?- Muito pouco. Acho que aí é...o único amigo que ele tinha era o Zé...É o Zé... Mas depois o Zé casou, prontos tem a mulher... Não vai andar sempre com o meu irmão, não é? Ele sai comigo, está com os meus amigos, convive com os meus amigos e esse é praticamente o amigo que ele tem. Quando sai com ele, às vezes encontram-se com os amigos de E. É o que lhe faz falta, eu acho que o que lhe faz falta é ter amigos, mas ele não... Não sei por que não tem capacidade dos arranjar.

No final do dia, aos fins de semana, com quem costuma estar e que atividades é que ele costuma realizar? Aí está, se eu estiver de folga vamos passear não é? Vamos dar uma volta até à praia com os meus amigos e pronto já são casais da minha idade, ou aniversários, ou isto ou aquilo e ele vem conosco. Se não, ele está aqui em casa. Ao sábado ele trata de lavar o carro, ajudar a minha mãe a limpar a casa ou se eu estou ajuda-me a mim ou sábado pronto. Ao domingo vai à missa com a minha mãe quase sempre. Se a minha mãe já foi no sábado vai ele no domingo à missa. Ele costuma ir tomar café depois do almoço à B. não estando eu, depois está por aqui por casa, telemóvel, computador ou telemóvel é o que ele faz [...] Nem natação, nem futebol, nem teatros, nem coros, nada (familiar).

Os testemunhos dos amigos entrevistados mostram as fragilidades detectadas anteriormente na dinâmica das relações de amizade. Na prática, não mais de 28,6% dos amigos reconhecem a existência de alguns momentos de interação entre os trabalhadores da amostra, tanto com eles próprios como com outros amigos.

Seja como for, dos testemunhos obtidos é aceitável considerar que, tal como acontecia anteriormente, todos os trabalhadores da amostra continuam a relacionar-se regularmente e com algum ou alguns dos seus amigos, ainda que se venha a produzir um abrandamento da ocorrência das interações, designadamente em termos do uso do tempo livre, considerando como referencial o tempo que medeia o fecho das empresas e a hora tradicional de jantar, saídas noturnas, fins de semana, folgas, feriados e férias. Assim, estimamos que apenas 47,6% dos trabalhadores interagirão com alguma regularidade com os amigos nos fins de tarde, não mais de 19% também o farão aos fins de semana e, provavelmente, nenhum o fará noutras ocasiões. Vários fatores, para além da idade, fragilidade económica, apontam para as dificuldades de mobilidade e orientação no espaço físico, escassez e/ou ausência de transportes coletivos, restrições e responsabilidades familiares dos trabalhadores e seus amigos, distância geográfica entre locais de residência e de recreação parecem contribuir para que encontros continuem a ser raros e ocasionais. À maioria dos trabalhadores continua a faltar veículos próprios que lhes permitam tomar a iniciativa dos encontros com os amigos que moram mais afastados dos seus locais de residência. Na prática, a existência desses fatores, uma realidade que desde cedo fez parte dos processos de socialização primária da maioria dos trabalhadores, produziu uma forma de relação com o meio envolvente, que se traduz numa rotina quase inquebrável de trajetos diretos entre locais de trabalho e as suas casas, onde se isolam ou refugiam na companhia dos familiares com quem coabitam, para descanso, realização de tarefas domésticas (trabalhadoras)

ou, tal como anteriormente, ver televisão, jogar em computador ou navegar pelas redes sociais virtuais (trabalhadores), entre outras atividades normalmente realizadas individualmente.

Não...conosco, pronto, só nos jantares é que ele saía. Agora, penso que ele não é muito de sair à noite. Não vejo o N. andar por aí na noite. É um bocadinho tímido. (amigo).

Não. Acho que não participa em nada. Eu acho que os amigos dele é os da fábrica, acho que ele não tem amigos de fora. Pois, ao fim de semana... Eu acho que ele sai muitas vezes ao fim de semana. Antes da pandemia ele pegava no carro e vai muitas vezes a N. e vai passear, vai muitas vezes ao Alentejo mais a avó. A avó vai lá e ele vai lá levá-la ao fim de semana, deixa-a lá e vai buscá-la no outro fim de semana. Ele não quer lá ficar... Mas ele sai muitas vezes agora como tem carro (amigo).

Ela é um bocado para sair de casa. Eu as vezes até puxo por ela e digo: ‘Olha C, vamos ali dar uma voltinha’, ‘Ai, vais já fazer-me sair de casa?’, ‘Vamos embora, tás sempre em fechada casa’. E, então, ela vem. Ela costuma sair a noite com amigos? Ou sozinha? Ela de vez em quando sai, mas não sai muito. Com amigos dela, que convidam, mas não é muito. E que atividades vocês fazem durante a semana? Ela está lá a ver televisão comigo ou a jantar lá no meu quarto comigo. Como ontem. E não vão dar um passeio, uma caminhada? Não, não (amiga).

O que é que o V costuma fazer com os amigos no final do dia, ao fim de semana e com quem costuma realizar atividades? É assim, ele ao final do dia como nós trabalhamos até às 19h, não é? Eu penso que ele não vai estar com ninguém. Ele vai daqui pra casa, janta, fica em casa, vê tv. Penso que ele gosta muito de fazer jogos no computador e no telemóvel e tal, e fica-se por aí. Ao fim de semana terá um grupo de amigos que eu não conheço, que não tenho acesso a eles, mas que vão, às vezes, até ao rio, até à piscina e tal. Ele, às vezes, conta-me, que eu pergunto o que se passou no fim de semana, como foi, como não foi (amigo).

O fim de semana é pra ela descansar, mas tem as tarefas pra fazer. Isso tem, ela sabe o que tem que fazer ela é que ao fim de semana muda as camas, isso tudo, põe a lavar, põe a secar. Isso ela sabe o que tem pa fazer. Nós, às vezes, saímos, vamos até ao rio. De atividades de lazer, ela gosta? Não. Ela num gosta de sair sozinha. Ela, se eu sair ou o pai e a mãe tudo bem. Se não sair já num gosta muito. Mas sai com o irmão, às vezes (familiar).

A existência do chamado melhor amigo continua a ser reconhecida pela quase totalidade dos trabalhadores (91,4%). Esta cifra traduz um ligeiro aumento, face ao valor registado anteriormente (86,1%). Trata-se de um indicador relevante para aferir da qualidade de vida, apreciada a partir das relações de amizade, por poder considerar-se que o melhor amigo é o representante máximo da amizade perfeita, da amizade ideal, a que se refere Aristóteles, rara, consistente e duradoura. Nesse tipo de amizade, os relacionamentos são íntimos, sinceros, desinteressados, altruístas, resistentes à passagem do tempo, em que a partilha tanto ocorre nos bons como nos piores momentos da vida quotidiana.

Todavia, contrariando, algumas destas características, as pessoas a quem os trabalhadores atualmente atribuem o estatuto de melhor amigo, não são, majoritariamente, as mesmas pessoas identificadas anteriormente. De fato, de acordo com os dados, apenas 14,3% designaram novamente as mesmas pessoas como sendo os melhores amigos, o que significa que o leque dos melhores amigos mudou completamente ao longo do tempo. Ainda assim, apesar da percentagem de trabalhadores cujo relacionamento foi avaliado como mais ou menos regular com o/s melhor/es amigo/s ter diminuído ligeiramente de cerca de 100% para 90,5%. Já a percentagem dos que referem poder recorrer, no caso de necessidade, a algum dos melhores amigos, mantém-se igual ao registado anteriormente (100%).

A dinâmica das relações de amizade com os colegas de trabalho

O caso especial das relações de amizade com colegas de trabalho justificou a colocação da terceira questão de pesquisa formulada: será que, no caso especial da dinâmica das relações de amizade com os colegas de trabalho, ocorreu progresso em termos de quantidade do número de colegas envolvidos e do seu contributo para a qualidade de vida no trabalho, com repercussões para fora dos tempos e espaços das organizações empregadoras?

A esse propósito, importa registar que ao longo dos dez anos entre as duas recolhas de dados, existiram muitas alterações na composição do conjunto dos amigos colegas de trabalho. Vários indicadores comprovam isso. O primeiro indicador respeita o fato de, segundo os testemunhos dos próprios trabalhadores, a percentagem dos colegas de trabalho identificados na qualidade de amigos ter passado em termos relativos de 40,4% para 64,4% e, simultaneamente, em termos absolutos, ter ocorrido um decréscimo de 19,1% no número desses amigos. Dito de outro modo, apesar da redução da quantidade de amigos colegas de trabalho, assistiu-se ao reforço da importância relativa dos locais de trabalho na formação e desenrolar das relações de amizade, afinal de contas, é o local no qual os trabalhadores da amostra passam a maior parte do seu tempo de vida quotidiana em interação com outras pessoas.

Esta movimentação se deve, em parte, ao decréscimo da percentagem de trabalhadores que referenciou cinco colegas de trabalho como amigos, a qual passou de 23,8% para 0%, verificando-se uma transformação radical inexplicada no conjunto dos colegas que considerados como amigos, devido ao “desaparecimento” de 95,3% dos anteriores colegas de trabalho identificados como amigos. As razões dessa rotatividade não foram apuradas, mas a percentagem dos amigos oriundos dos locais de trabalho tem atualmente mais peso do que as dos amigos da vizinhança, ex-colegas de escola e dos ex-colegas com quem frequentaram as organizações formadoras.

O segundo indicador provém dos testemunhos dos colegas de trabalho que foram questionados para apurar se os trabalhadores da amostra tinham amigos nos locais de trabalho, se conviviam dentro e fora desses locais e em que consistia esse convívio.

E diga-me uma coisa, a A. tem amigos aqui dentro? Tem. Mas amigos com quem, por exemplo, costuma conviver, por exemplo vão jantar fora, vão ao café. Agora se calhar não tanto porque ela foi mãe e dedica-se mais à filha, mas há uns anos atrás, sim com a C.. Elas costumavam... Sair à noite, pronto, eram aquelas amigas do coração. Acho que vão beber café e essas coisas assim, não sei muito bem, mas sei que, sei que falam e que agora, pronto, mas tem, tem. Às vezes até vai sair com eles, e pronto. Ela até vai a V. ter com eles (colega).

Fora do trabalho não convivo assim tanto com ela, não é? Porque eu não posso estar sempre ao pé dela, assim como com as outras colegas, não é? Portanto, dentro do trabalho vocês convivem, sei lá, há hora do almoço? Vocês têm algum intervalo, se vão tomar um cafezinho aqui? Sim. Mas depois fora cada uma terá a sua vida... Claro, temos a família e cada um vai para a sua família né? (colega).

Mas eu me ofereci para tomar um café com ele e ele aceitou. Vamos tomar um café, vamos tomar uma água, vamos tomar um suco. E ele: 'Na hora que as coisas se ajustarem a gente vai' (colega).

Acho que vão beber café e essas coisas assim, não sei muito bem, mas sei que, sei que falam e que agora, pronto, mas tem, tem. Às vezes até vai sair com eles, e pronto. Ela até vai a V. ter com eles (colega).

É assim, todos nós nos consideramos um bocadinho amigos do V. Conviver, digamos que socialmente, se calhar fora da empresa, mais até com o R., porque o R. muitas vezes é quem o leva pra baixo, pra casa, ou às vezes que o traz. Porque o meu trajeto é completamente diferente e eu saio daqui e ainda vou para outro lado fazer um extra, digamos assim... e não consigo conviver tanto com eles. Mas já aconteceu, nas festas da cidade a gente encontrar-se todos e irmos dar uma volta ou irmos tomar um café. Claro, lá está, não é todos os dias, não é semanalmente, é uma coisa esporádica, mas acaba por acontecer (colega).

Eu é assim, eu não convivo muito com ele porque eu tenho a minha mulher e tenho os meus filhos. E moramos em zonas opostas. Eu mora pra ali e ele mora pra além. Pronto é normal, mas já tivemos momentos de convívio sim (colega).

Ah, muito próxima. Tem um núcleo de colegas amigos com quem saem ao fim de semana, com quem sai no fim do trabalho. Com quem partilha muitas coisas nas redes sociais. Há um núcleo forte. Tem um núcleo muito chegada, já de algum tempo. Fazem diversas atividades? E a T. até vai até, muitas vezes ali em muitas meninas e senhoras que integram aquele setor vai acabando por acolher. Ok? Sim, sim, bastante querida sim, sim. Bastante querida (empregador).

Esses testemunhos permitem atribuir, inequivocamente, amigos colegas de trabalho a 38% dos trabalhadores, mas também revelam que em 75% desses casos as relações de amizade no sentido restrito do conceito apenas ocorrerão, em regra, com um só desses colegas.

Fora não sei [conviver com colegas]. Dentro, foi o que lhe perguntei, porque ele, a gente não sabe, mesmo cá dentro, quem é que é amigo ou quem é que não é amigo, não é? Pronto, costuma-se dizer que até nos trabalhos não se deve ter muitos amigos. Mas, eu perguntei se ele tinha algum amigo em especial, porque pode haver um colega, e ele disse-me que era o N., que é o outro manobrador (empregador).

Fora não [conviver com colegas]. Fora é a casa dele. E porque, e os pais, ou o pai vem cá buscá-lo e levar, porque a única casa que ele que conhece aqui acho que é a minha. Já foi lá duas ou três vezes. [E o senhor é amigo?] Sou, penso que sim. [E sai consigo?] Queria era ir mais vezes. Até a gente já se deixámos disso (colega).

[Costuma conviver com colegas?] Comigo sim. Mais comigo. O resto não. Doutora eu, às vezes, convido-a para ela ir lá comer a casa. Aquela miúda para mim é uma irmã, prontos. Outras vezes até a levo, vamos tomar o pequeno-almoço, ‘Olha vamos tomar o pequeno-almoço. Eu levo-te comigo’. E então levo-a, e vamos, é na boa, sim. (colega).

O M. é muito tímido, o M. não é capaz de ir a um café sozinho. Sozinho. Se o chamar ele não vai comigo. E muitas vezes eu pago um café pra ele e disse ‘ó M. amanhã vais pagar tu’. E ele paga! Sem problema nenhum. Isso, nós tomamos café no hora do patrão (risos) depois vamos logo embora. Então não costuma encontra-se com colegas de trabalho, fora do trabalho. Dificilmente, dificilmente. Dificilmente. (colega)

Saio com ela sem problema nenhum, já foi a minha casa, já estive com a minha família várias vezes, sem qualquer problema. E vão tomar café juntas? Sim. E temos jantares de colegas também. E vão todos? Vamos todos. E diga-me, sabe se a M. tem amigos entre os colegas com quem costuma conviver fora do trabalho? Que eu saiba não. Como é que eu hei de lhe explicar, eu não sei com quem é que a M. está lá fora, ou está a sair, ou vai tomar café ou vai comer um gelado, ou vai ao cinema sei lá? Com alguém daqui. Sinceramente não. Sei que ela mora em L., eu não sou de L., sou de O. e não faço ideia se ela sai com alguém daqui... Não faço ideia (colega).

Desses testemunhos de colegas e empregadores fica também claro que, fora dos horários de trabalho, são raros ou inexistentes os momentos de interação não mediada pelas relações de trabalho entre os trabalhadores e os seus colegas de trabalho considerados amigos, ocorrendo ocasionalmente em cafés ou pastelarias, sobretudo tomar um café em horário intra ou no tempo pós-laboral imediato (42,9%), sendo que aos fins de semana, folgas, feriados e férias, a interação é inexistente. Para além do atrás referido nos testemunhos dos colegas e empregadores, aos fatores previamente identificados associados, a transformação ocorrida pode também associar-se à rotatividade laboral, seja por mudança de organização empregadora, seja por mudança de posto de trabalho dentro dela.

Havia uma colega que ela tinha que foi-se embora mas que elas também iam pra fora as duas, lanchavam, ou ela ia a casa dela. Com a ajudante de pastelaria, elas também socializam, porque é assim, eles acordam muito cedo não é, e depois também... (empregador).

O terceiro indicador tem a ver com o fato de as interações entre os trabalhadores e os seus colegas de trabalho, incluindo os considerados amigos, continuarem a cessar, quase sempre, imediatamente após a saída dos locais de trabalho, momento a partir do qual, com algumas exceções, a vida dos trabalhadores se desliga automaticamente da vida dos seus colegas de trabalho.

Eu também vou para casa e ao fim de semana não ponho os pés cá fora. Raramente e pronto, à sexta-feira despedimo-nos: ‘Adeus e bom fim de semana’. E ela lá vai embora (colega).

As pessoas a que ele está ligado, muito ligado aqui da empresa, 95% já são tudo pessoas já casadas, já com filhos, tem vida própria. Como é o meu caso também. Por

isso ter-se disponibilidade é deixar a família para ir passear com o H. não pode ser não é? (colega).

Não há aquela situação de saírem por exemplo do trabalho no fim do dia e por exemplo irem beber uma cerveja? Ao fim de semana encontrarem-se para tomar café? Não, isso não. Visto que ele está distante de nós, ele está sensivelmente aí uns 15/20 quilómetros. Pronto, aí ele está dependente da família para... ele não tem carta. Para as deslocações? Exatamente. Ele é dependente sempre... Não se pode atrasar, não pode... aquela horinha certa... não pode ir ali beber, seja lá o que for, aqui ao lado, ao café não pode (colega).

A Sónia vai ao café com as colegas na hora do almoço, mas fora do trabalho não saem. O irmão ou pai vêm buscá-la e levam-na para casa. É uma pessoa de poucas palavras (empregador).

Acho que são só conhecidas, colegas de trabalho. E para fora, no seu âmbito pessoal não tenho conhecimento. Com as colegas poderá ir ao café? Não vai. Ela está dependente... não, não... aquilo que eu sei é que ela está dependente de transporte público, portanto ela sai daqui, e vai sempre muito apressada para apanhar o autocarro para L. Não acho que haja alguém daqui que tome um café com ela, que vá comer um gelado a uma esplanada. Acho que não. Esgota-se à saída. É isso (empregador).

Mas sim, ele quando está no trabalho socializa, agora fora do trabalho eu penso que ele não, não socializa muito com os colegas de trabalho, porque ele tem um refúgio que é a APPACDM. Ele procura as pessoas que conhece lá ou, então, as pessoas que vivem perto da casa dele (empregador).

Consequentemente, a resposta à terceira questão aqui tratada é objetivamente negativa. os testemunhos continuam a revelar que à quase totalidade das relações com os colegas de trabalho, reportadas como relações de amizade, continuam a escassear as atividades conjuntas, confidencialidade, cumplicidade e outros atributos próprios das relações de amizade. Por essa razão, temos que classificar a generalidade dos colegas de trabalho, incluindo os tidos como amigos, como companheiros de trabalho com quem os trabalhadores estabelecem relações de companheirismo. Os relacionamentos existentes não traduzem propriamente relações de amizade, tal como elas devem ser entendidas, ou seja, regidas pela vontade e necessidade das partes envolvidas buscarem a companhia uma da outra, ainda que sejam, em conformidade com a generalidade dos testemunhos, afetivas, cordatas, tolerantes, empáticas e promovam sentido de pertencimento a um coletivo, bem-estar emocional, segurança e qualidade vida no trabalho ou fora dele.

O que eu posso dizer é duas coisas, a primeira relativamente às atividades digamos assim mais sociais que a C. promove, nomeadamente para os seus colaboradores. Quer seja, as datas ou os magustos e por aí a diante. Isto para dizer que a maior parte das vezes a H. está sempre presente e nota-se que existe ali um bom diálogo com os restantes colegas. Tenho notado isso, não tenho visto o contrário. Ou seja, não tenho visto o contrário. Inclusive até eu penso que ela faz, às vezes até faz aí as refeições com alguns colegas. Ou seja, vão juntos fazer as refeições, penso que sim (empregador).

Eu acho que ele se sente bem, pelo menos nunca mostrou que se sentia mal, não é?
Eu acho que ele se sente bem, que gosta, pelo menos nunca se queixou eu acho que ele que se sente bem e nós fazemos tudo pra isso. Toda a gente gosta dele (colega).

Ele também já trabalha aqui há uns aninhos e está muito bem. Há quantos anos mais ou menos? Eu não sei, mas deve ter mais de quinze anos. Doze, quinze anos... Portanto está bem integrado? Sim. Porque toda a gente o trata de forma igual e até com carinho. Há muito que até...há uns que o tratam mais com carinho do que a outros colegas (colega).

Porque, para já, ela dá-se muito bem com nós. Nós somos poucos, mas damo-nos todos bem e ela integra-se bem aqui, mas também um pouco por causa disso, não é? Porque ela gosta de trabalhar com um ambiente bom, que gostem dela, e ela gosta de ter carinho, não é? E aqui tem isso...eu acho que é mais por aí... (colega).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A partir daqui, há que se dar respostas às questões que motivaram a concretização deste artigo as quais, recordamos e foram as seguintes: a) será que, devido à permanência continuada no mercado de trabalho e nas mesmas organizações empregadoras, a estrutura das relações de amizade se transformou ao longo dos 10 anos que mediaram o recolhimento de dados?; b) será que as relações de amizade dos trabalhadores da amostra contribuem para melhorias nas suas vidas quotidianas, dotando os seus “pequenos mundos de vida” de mais qualidade de vida? e c) será que, no caso especial da dinâmica das relações de amizade com os colegas de trabalho, ocorreu progresso em termos do número de colegas envolvidos e do seu contributo para a qualidade de vida no trabalho, com repercussões para fora dos tempos e espaços das organizações empregadoras?

Desde logo, no caso da primeira questão, a resposta tem que ser parcialmente positiva. Em primeiro lugar, em termos quantitativos, os trabalhadores da amostra têm menos amigos do que anteriormente. Em rigor, todos os trabalhadores registaram perdas de amigos entre os dois momentos considerados, sendo que nenhum passou a ter mais amigos que anteriormente. Esse decréscimo foi acompanhado de várias alterações na importância dos espaços físicos e sociais de origem das relações de amizade dos trabalhadores, considerando o seu contributo em termos da quantidade de amigos registados. Referimo-nos à perda de importância das escolas, das organizações de reabilitação para pessoas com deficiência e da influência das relações familiares. Fatores como as mudanças de estado civil e de local de residência de parte dos anteriores amigos parecem ser os que mais contribuíram para que muitas relações de amizades se tenham desvanecido ao longo do tempo. Ademais, perderam importância as amizades provenientes das relações de vizinhança (proximidade residencial), os locais de trabalho e os grupos informais de pertencimento. Em sentido inverso, unicamente se registam as relações de amizade proporcionadas a partir das relações de amizade já existentes.

Indiscutivelmente, a enorme transformação do conteúdo das redes de relações de amizade prova que às pessoas com deficiência intelectual, mesmo que ligeira, é muito fácil perder amigos e que as relações de amizade vão-se desfazendo com o passar do tempo, continuando a faltar os “grandes amigos”, dos quais se espera acompanhamento e ajuda nos momentos mais difíceis da vida. Nesse aspecto particular, as trabalhadoras da amostra perderam mais amigos do que os homens, fato que se liga com a entrada de algumas em relações de conjugalidade e maternidade,

que correspondem ao final da fase celibatária e à entrada na vida adulta.

Por um lado, apesar de tudo, sem a registada entrada de novos amigos, ainda que insuficiente para compensar as perdas registadas, a qualidade de vida em termos do usufruto das relações de amizade estaria muito próxima de zero, com consequências muito nefastas para a qualidade de vida. Por outro lado, não deixa de ser relevante que a objetiva diminuição do número de amigos esteja acompanhada da avaliação subjetivada de melhoria da qualidade das relações de amizade, reveladora de sentimentos latentes que expressam autodeterminação e que denunciam a existência de vontade própria de não quererem ou necessitarem de mais amigos, apesar de quantitativamente serem em número reduzido. Esses argumentos, que anteriormente não foram referidos, parecem revelar um amadurecimento dos trabalhadores relativamente às falsas relações de amizade, fruto de desilusões, experiências traumáticas, desencantos ou traições sofridas por parte de algumas pessoas tidas como amigas e que revelaram não o ser.

Provavelmente, a deficiência intelectual, em conjunto com alguns dos fatores aqui identificados, teve impacto na perda de parte das relações de amizade ao longo do tempo e que não resistiram à sua passagem. Todavia, não se pode ignorar que as ruturas nas relações de amizade são algo que caracteriza a própria essência deste tipo de relações, dado que tais relações são formadas por fidelidades menos rígidas que as relações familiares e o seu fim pode não trazer consequências negativas para os envolvidos.

Em segundo lugar, por um lado, apesar do decréscimo verificado, as redes de relações de amizade dos trabalhadores da amostra continuam a incluir majoritariamente pessoas sem deficiência intelectual, especialmente colegas de trabalho. Efetivamente, como demonstrado, os locais de trabalho continuam a ser, em termos absolutos e relativos, os espaços que mais contribuem para as relações de amizade dos trabalhadores da amostra. Esse fato faz prova de que essas pessoas não são excluídas das relações de amizade com pessoas sem deficiência e mesmo que tais relações não sejam efetivamente simétricas, nem cumpram ou raramente o façam, há expectativas de reciprocidade em termos de intimidade, compromisso e oportunidades de acesso a outro tipo de relações interpessoais. Por outro lado, no quadro geral de decréscimo do número de amigos, a estrutura das relações de amizade, em termos da sua composição relativa, não sofreu alterações significativas. Tal como anteriormente, continua presente a tendência de as relações de amizade dos trabalhadores da amostra não incluírem pessoas com idades excessivamente diferentes das suas, nem pessoas do gênero oposto ao seu. Portanto, os trabalhadores de ambos os gêneros se relacionam, tendencialmente, com pessoas de igual gênero e com idades pertencentes ou próximas das suas coortes geracionais. Conforme os dados mostram, manteve-se a proximidade entre a média das idades do conjunto dos trabalhadores da amostra e a média das idades dos seus amigos, com o ajustamento das médias a refletir os 10 anos que mediam os dois recolhimentos de dados. Tanto os amigos perdidos como os novos amigos contribuem para que ambas as médias etárias estejam relativamente próximas das médias etárias dos trabalhadores da amostra, destacando-se a relevância do fator idade na formação das relações de amizade. Ademais, manteve-se a proximidade em termos de estatuto socioeconômico de nível médio-baixo e baixo entre os trabalhadores e os seus amigos, considerando o valor social das respetivas profissões desempenhadas. Manteve-se, igualmente inalterada, a tendência da maioria dos amigos residir em locais afastados dos locais onde residem os trabalhadores da amostra.

Em síntese, as relações de amizade dos trabalhadores da amostra sofreram uma enorme transformação de conteúdo: perda de antigos amigos, da entrada generalizada de novos amigos e da acentuada diminuição do seu número, mantendo a sua estrutura praticamente inalterada.

No que concerne à segunda questão, a resposta terá que ser francamente negativa. Na verdade, em conformidade com os indicadores, não se pode afirmar que as relações de

amizade dos trabalhadores da amostra tenham contribuído para melhorias na qualidade das suas vidas quotidianas. De fato, mais do que a escassez das relações de amizade, é a dura realidade dos fracos proveitos obtidos que continua a afetar a sua qualidade de vida. Da interpretação dos dados disponíveis ressalta evidente que as relações de amizade, em que se envolvem os trabalhadores da amostra, mantiveram-se superficiais e esporádicas. Em rigor, tais relações raramente contiveram ou contém os principais elementos caracterizadores das relações de amizade, podendo rotular-se de relações interpessoais que proporcionam encontros ocasionais e aleatórios na sua maioria com pessoas conhecidas ou companheiros de trabalho. No essencial, os indicadores mostram que os trabalhadores da amostra, provavelmente também devido a serem pessoas com deficiência intelectual, quase não têm pessoas que os acolham nos seus círculos de relações de amizade. Na prática, fora dos âmbitos das relações interpessoais familiares e de colegialidade laboral, continua a ser muito raro identificar amigos com os quais partilham espaços, interesses e valores comuns. Não é por acaso que se manteve elevada a percentagem dos trabalhadores que continua a indicar colegas de trabalho como seus amigos.

Ademais, não é por acaso que existe um elevado nível de desconhecimento da maior parte dos amigos referenciados acerca dos aspectos mais triviais da vida pessoal, familiar e quotidiana dos trabalhadores da amostra. Por exemplo, são raros os amigos que conseguem identificar a forma como os trabalhadores usam os seus tempos livres e com que partilham esses tempos. Igualmente continua presente, uma década depois, quanto à constatação da maioria das pessoas que os trabalhadores identificam como amigos, que raramente são parceiros com os quais realizam atividades próprias das relações de amizade, persistindo os fatores que impedem o estabelecimento e a manutenção de amizades duradouras e valorizadoras da sua qualidade de vida.

Na verdade, os testemunhos obtidos permitem comprovar que, apesar do aumento da idade, da estabilidade contratual e do tempo de inclusão profissional, mantém-se os efeitos dos vários fatores identificados no estudo inicial, tais como: dificuldades de comunicação; insuficiências da fraca mobilidade no espaço público; preconceitos e estereótipos para com a deficiência intelectual; as consequências restritivas das personalidades introvertidas; os compromissos familiares, deles e dos identificados como amigos; paternidade ou maternidade, mobilidade territorial dos amigos; afastamento dos amigos de “passagem”; perda de contacto com ex-colegas de trabalho; falta de confiança ou de estímulo e apoio das famílias, em especial no caso das trabalhadoras, seja por negação do estatuto de maioridade ou do direito à livre escolha. Esses fatores, isolada ou conjugadamente, contribuem para produzir rotinas de vida quotidiana, em que raramente acontecem momentos propícios ao desenrolar de encontros e atividades que permitem construir, manter e, sobretudo, tirar proveito das relações de amizade. Tal como anteriormente, a esmagadora maioria dos trabalhadores da amostra continua a “refugiar-se” nas suas casas, raramente acontecendo encontros com amigos. Mantém-se, basicamente, inalteradas as rotinas anteriores assente no percurso, muitas vezes sem paragens, entre os locais de trabalho e as suas casas no final do dia de trabalho e a nelas permanecerem nos fins de semana, folgas, férias e feriados.

Ademais, permanecem ativas outras barreiras que impedem ou dificultam a formação e a continuidade das relações de amizade, tais como: dificuldades em aceder e gerir o próprio dinheiro; horários de trabalho inadequados, incluindo noturnos ou em fins de semana; cansaço ou fadiga relacionados com esforço despendido na jornada laboral; não participação em associações, clubes; não pertencimento a grupos informais; envelhecimento ou, simplesmente, as meras escolhas pessoais, que camuflam as verdadeiras razões da imobilidade instituída.

Ainda que não seja possível contabilizar rigorosamente, parece evidente que as estreitas rotinas de vida quotidiana se consolidaram entre o tempo anterior e o tempo atual. Por outras palavras, na generalidade, os trabalhadores da amostra, a despeito de manterem um emprego

estável e seguro, vivem em estado de relativo isolamento e solidão, na medida em que, com uma ou outra exceção, continuam prisioneiros de rotinas de vida quotidiana há muito cristalizadas, não dispondo, nem se “aventurando” na procura, de alternativas a essas rotinas.

Assim, teremos que concluir que não ocorreram melhorias significativas na qualidade de vida quotidiana da generalidade dos trabalhadores da amostra. De fato, os indicadores obtidos não apontam para mudanças estruturais a despeito da continuidade da permanência no mercado de trabalho em longo prazo.

Efetivamente, os dados obtidos nos dois momentos do tempo evidenciam uma continuidade estrutural das relações de amizade, mostrando que os trabalhadores continuam travados pelas mesmas barreiras físicas, comunicacionais e sociais que os afetavam anteriormente. Dito de outra maneira, apesar das variações em termos individuais e de conjunto, a permanência ininterrupta no mercado de trabalho não produziu alterações significativas na qualidade de vida no tocante à generalidade dos 21 trabalhadores da nossa amostra.

Finalmente, no que diz respeito à terceira questão, convém não esquecer que, face à elevada rotatividade que se verificou no período em análise, a degradação da dimensão das redes de relações de amizade foi substituída pela reposição dos amigos provenientes das relações de trabalho. Não há dúvida de que a interação dos trabalhadores com os amigos colegas de trabalho, na maioria dos casos, continua a estar organizada em torno das relações de trabalho, ocorrendo majoritariamente nos tempos e espaços de trabalho, mantendo-se, na esmagadora maioria dos casos, dentro da esfera das chamadas relações de companheirismo. Mesmo que subjetivamente, quiçá ilusoriamente, os trabalhadores da amostra classifiquem alguns colegas como grandes amigos, os indicadores mostram que são poucos ou nenhuns os que contribuem para a melhoria da sua qualidade de vida, em termos da criação e aproveitamento das oportunidades de convivência e participação comunitária, dado o seu reduzido envolvimento na criação ou alimentação de oportunidades de participação em atividades sociais e de convivialidade interpessoal.

Tal como anteriormente, às relações interpessoais com os colegas classificados como amigos, e por vezes tidos como os únicos amigos dentro das organizações empregadoras, continuam a faltar as atividades conjuntas, conhecimento mútuo, confidencialidade, cumplicidade e outros atributos próprios das relações de amizade. Percebe-se que os trabalhadores da amostra confundem as relações de companheirismo com o tipo de relações que ocorrem dentro dos limites mais restritos das relações de amizade, devido à tolerância, afetividade, cordialidade, amabilidade e simpatia com que são tratados por alguns colegas de trabalho, que lhes proporcionam sentimentos de pertencimento a um coletivo, bem-estar e qualidade de vida no trabalho. Isso fica demonstrado no fato de à saída dos locais de trabalho continuar ativa a anteriormente reconhecida distância social entre os trabalhadores e os seus colegas de trabalho, incluindo os tidos como amigos.

Dito de outro modo, terminado o dia de trabalho, a regra é cessar a interação dos trabalhadores da amostra com os colegas de trabalho, seguindo cada um para as suas vidas pessoais e familiares. Essa cessação simboliza e objetiva que existem espaços e tempos específicos para interagir com os outros no decurso da vida quotidiana, sendo claro que nas “outras vidas” dos tempos pós-laborais os trabalhadores da amostra e os amigos colegas de trabalho não ocupam os mesmos espaços físicos e sociais. Provavelmente, esse desligamento não é mais do que uma consequência da realidade que acompanha os estilos de vida da sociedade atual, baseada em relações muito marcadas pelo hedonismo e pelas urgências dos compromissos com as pessoas dos próprios grupos familiares, com as vidas de uns e de outros a serem vividas em compartimentos diferentes.

Essa é uma prática de vida coletiva que nada mais é do que o sinônimo de uma sociedade fragmentada, em que cada sujeito não quer ou evita cruzar os atores das suas diversas redes de relações interpessoais uns com os outros. Ainda assim, no quadro geral de decréscimo do

número de amigos, os locais de trabalho continuam a ser em termos absolutos e relativos os espaços que mais contribuem para as relações de amizade dos trabalhadores da amostra.

Para ultrapassar os constrangimentos e dificuldades sentidas pelos trabalhadores com deficiência, em particular com deficiência intelectual, como é o caso dos trabalhadores da amostra usada neste estudo, atendendo às próprias ambivalências e contradições denunciadas pelos indicadores, atrevemo-nos a propor processos de investigação sobre qualidade de vida que incidam sobre casos particulares, considerando as histórias de vida e usando métodos de observação direta da vida quotidiana, que permitam adentrar aprofundadamente os contextos de vida de cada trabalhador, de forma a compreender e explicar a formação, desenvolvimento e rutura das relações de amizade.

A pouca relevância das relações de amizade para qualificar a vida quotidiana dos trabalhadores com deficiência intelectual nos leva também a propor que as políticas públicas de apoio à inclusão das pessoas com deficiência e as práticas formativas e de apoio ao emprego se estruturam com base num modelo de capacitação orientado pelo conceito de qualidade de vida, que privilegie a inclusão social alargada, dentro e fora dos espaços físicos e sociais das relações laborais, uma formação suportada em apoios individualizados e redes de apoios naturais, vocacionada para a construção e manutenção de relações de amizade, que tenham como finalidade proporcionar oportunidades de vida independente e participação comunitária, que alavanquem a qualidade de vida, impedindo a estruturação das atuais rotinas de vida quotidiana (Amado et al., 2013; Bane et al., 2012; Eisenman et al., 2013; Callus, 2017). Faz-se mister uma formação capacitante, que impeça a consolidação dos fatores que dão corpo às dificuldades de substituição dos amigos perdidos e produzem relações interpessoais de amizade superficiais e ocasionais, “falsas ou tênues”, devido ao baixo grau de interação com os considerados amigos, tanto quantitativamente como qualitativamente.

É sobejamente necessário que tal formação capacite as pessoas com deficiência intelectual para o exercício pleno e livre dos direitos e deveres de cidadania, que as torne competentes para integrarem grupos informais e interajam nos espaços sociais, públicos ou privados, em que os encontros acontecem, promovendo a participação em atividades conjuntas com outras pessoas. É preciso, então: uma formação que combata os efeitos das personalidades introvertidas e das dificuldades de comunicação; uma formação que privilegie a aquisição de competências para uma mobilidade segura no espaço e impeça a formação de rotinas de vida diária feitas de movimentos quase exclusivos de casa para o local de trabalho/formação profissional ou escolar e regresso a casa; uma formação integral, que combata a pouca disponibilidade dos outros para valorizarem a interação com as pessoas com deficiência intelectual e uma formação para a qualidade de vida, que atue junto dos familiares, para que normalizem o controlo parental e se envolvam na criação de oportunidades de socialização, nomeadamente em termos da assunção de compromissos de tipo conjugal, maternidade e parentalidade e que estimule a formação de amizades com pessoas do gênero oposto.

REFERÊNCIAS

ADAMS, G.; PLAUT, V. C. The cultural grounding of personal relationships: friendship in North American and West African worlds. *Personal Relationships*, Ottawa, v. 10, n. 3, p. 333-347, ago. 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1475-6811.00053>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ALLÈS-JARDEL, M. et al. Parents' structuring of children's daily lives in relation to the quality and stability of children's friendships. *International Journal of Psychology*,

Noida, v. 37, n. 2, p. 65-73, abr. 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1080/00207590143000289>. Acesso em: 1 set. 2023.

ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 44, p. 20-29, set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/pxZ7ftJN4cHCWhQKH5ZV7nn/>. Acesso em: 6 jun. 2015.

AMADO, A. N. et al. Social inclusion and community participation of individuals with intellectual/developmental disabilities. *Intellectual and Developmental Disabilities*, Silver Spring, v. 51, n. 5, p. 360-375, mar. 2013. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/idd/article-abstract/51/5/360/1614>. Acesso em: 12 jul. 2015.

ANUNCIBAY, R. de la Fuente. *Hacia la integración laboral de las personas con discapacidad – Un estudio longitudinal*. Burgos: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Burgos, 2007.

ANTONIAZZI, A. et al. O desenvolvimento do conceito de amigo e de inimigo em crianças e pré-adolescentes. *Psico USF*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul. 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-17819>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BANE, G. et al. Relationships of people with learning disabilities in Ireland. *British Journal of Learning Disabilities*, Oxford, v. 40, n. 2, p. 109-122, maio 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-3156.2012.00741.x>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BARBER, D.; HUPP, S. C. A comparison of friendship patterns of individuals with developmental disabilities. *Education and Training in Mental Retardation*, Reston, v. 28, n. 1, p. 13-22, mar. 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23878833>. Acesso em: 22 nov. 2015.

BAUMINGER, N.; KASARI, C. Loneliness and friendship in high-functioning children with autism. *Child Development*, Medford, v. 71, n. 2, p. 447-456, abr. 2000. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8624.00156>. Acesso em: 15 jan. 2013.

BEAR, G. G.; JUVONEN, J.; MCINERNEY, F. Self-Perceptions and Peer Relations of Boys with and Boys without Learning Disabilities in an Integrated Setting: A Longitudinal Study. *Learning Disability Quarterly*, Nova York, v. 16, n. 2, p. 127-136, jan./fev. 1993. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2307/1511135>. Acesso em: 8 fev. 2013.

BELL, R. R. *Worlds of friendship*. Nova York: Sage publications, 1981.

BLIESZNER, R.; ADAMS R. G. *Adult friendship*. Nova York: Sage Publications, 1992.

BOOTH, C. L.; RUBIN, K. H.; ROSE-KRASNOR, L. Perceptions of emotional support from mother and friend in middle childhood: links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development*, Medford, v. 69, n. 2, p. 427-442, abr. 1998. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1998.tb06200.x>. Acesso em: dia mês abreviado ano. Acesso em: 15 jan. 2020.

BOUTOT, E. A. *Fitting In: Tips for Promoting Acceptance and Friendships for Students with Autism Spectrum Disorders in Inclusive Classrooms*. Intervention in school and clinic, Overland

Park, v. 42, n. 3, p. 156-161, jan. 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/10534512070420030401>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BOWEN, S. K. Co-Enrolment for students who are deaf or hard hearing. Friendship patterns and social interactions. *American Annals of the Deaf*, Washington, v. 153, n. 3, p. 285-293, summer, 2008.

BROWN, R. et al. Intergroup contact and intergroup attitudes: A longitudinal study. *European Journal of Social Psychology*, Chichester, v. 37, n. 4, p. 692-703, jul. 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ejsp.384>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BUKOWSKI, W. M.; SIPPOLA, L. K. Groups, Individuals, and Victimization: A View of the Peer System. In: JUVONEN, J.; GRAHAM, S. (orgs.). *Peer Harassment in School*. Nova York: Guilford, 2001. p. 355-377

BUKOWSKI, W. M. et al. Popularity as an Affordance for Friendship: The Link Between Group and Dyadic Experience. *Social Development*, Guildford, v. 5, n. 2, p. 189-202, abr. 1996. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9507.1996.tb00080.x>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CALLUS, A. M. Being friends means helping each other, making coffee for each other: Reciprocity in the friendships of people with intellectual disability. *Disability and Society*, Abingdon, v. 32, n. 1, p. 1-16, dez. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2016.1267610>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CANNONI, E. Amici e fratelli: Effetti dell'esperienza fraterna sulla rappresentazione di relazioni interpersonali infantili. *Età Evolutiva*, Palermo, v. 73, p. 70-77, set. 2002.

CAPELLA, M. E.; ROESSLER, R. T.; HEMMERIA, K. M. Work-related skills awareness in high-school students with disabilities. *Journal of Applied Rehabilitation Counseling*, Alexandria, v. 33, n. 2, p. 17-23, jun. 2002. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/289b32658a18ba3330dbe669b792f764/1?pq-origsite=gscholar&cbl=35933>. Acesso em: 12 out. 2020.

CARBERY, J.; BUHRMESTER, D. Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, Londres, v. 15, n. 3, p. 393-409, jun. 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0265407598153005>. Acesso em: 12 out. 2023.

CARVALHO, A. M.; RUBIANO, M. R. Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (orgs.). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento*. São Paulo: Artmed, 2004. p. 171-187

CARVALHO, K. M. Os desafios da inclusão da pessoa com deficiência no ambiente de trabalho. In: CARVALHO-FREITAS, M. N.; MARQUES, A. L. (orgs.). *Trabalho e pessoas com deficiência: pesquisas, práticas e instrumentos de diagnóstico*. Vila Nova de Gaia: Juruá, 2009. p. 43-54

CHAPPELL, A. A Question of Friendship: Community Care and the Relationships of People with Learning Difficulties. *Disability and Society*, Abingdon, v. 9, n. 4, p. 419-434, 1994.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599466780431>. Acesso em: 14 fev. 2018.

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2004.

CORDEIRO, R. A. Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 509-517, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/548>. Acesso em: 22 jan. 2023.

CRAMM, J.; NIEBOER, A. P. Longitudinal Study of Parents' Impact on Quality of Life of Children and Young Adults with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 20-28, ago. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-3148.2011.00640.x>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CUMMINS, R. A. The validity and utility of subjective quality of life: a reply to Hatton and Ager. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 261-268, set. 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1468-3148.2002.00123.x>. Acesso em: 26 mar. 2010.

CUMMINS, R. A.; LAU, A. L. D. Community integration or community exposure? A review and discussion in relation to people with intellectual disability. *Journal of applied research in intellectual disabilities*, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 145-157, jun. 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1468-3148.2003.00157>. Acesso em: 9 abr. 2008.

CUSHING, P. J. Shaping the moral imagination of caregivers: Disability, difference & inequality in l'arche. Orientador: Matthew Cooper. 2001. 361 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – MacMaster University, Hamilton, 2001.

DOMÍNGUEZ, M. Santamaría. El empleo con apoyo como indicador de calidad de vida en personas con discapacidad intelectual. Orientadores: Miguel Verdugo e Maria Orgaz. 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto Universitario de Integración en la Comunidad (INICO), Salamanca, 2014. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/125955>. Acesso em: 21 maio 2013.

EISENMAN, L. et al. Rethinking social network assessment for students with intellectual disabilities in Postsecondary Education. *Journal of Postsecondary Education and Disability*, Delaware, v. 26, n. 4, p. 367-384, 2013. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1026910>. Acesso em: 18 jul. 2012.

EMANUELSSON, I. Differentiation, special education and equality: A longitudinal study of self-concepts and school careers of students in difficulties and with or without special education support experiences. *European Educational Research Journal*, Enschede, v. 2, n. 2, p. 245-261, jun. 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2304/eeerj.2003.2.2.4>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FEHR, B. Friendship processes. New York: Sage Publications, 1996. v. 12

FORGUES, B.; VANDANGEON-DERUMEZ, I. Analyses longitudinales. In: THIÉTART, R. A. (ed.). Méthodes de recherche en management. Paris: Dunod, 1999. p. 422-448

FORSÉ, M. Les réseaux de sociabilité: un état des lieux. *L'Année sociologique*, Paris, v. 41, p. 247-264, jun. 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27890102>. Acesso em: 25 maio 2010.

FREEMAN, S. F. N.; KASARI, C. Friendships in children with developmental disabilities. *Early Education and Development*, Philadelphia, v. 9, n. 4, p. 341-355, jun. 1998. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15566935eed0904_2. Acesso em: 25 jul. 2023.

FRENCH, D. C. et al. Friendships of Indonesian, South Korean, and U.S. college students. *Personal Relationships*, London, v. 13, n. 1, p. 69-81, fev. 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-6811.2006.00105.x>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRIEDMAN, C.; RIZZOLO, M. C. Friendship, quality of life, and people with intellectual and developmental disabilities. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, Dordrecht, v. 30, n. 1, p. 39-54, fev. 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10882-017-9576-7>. Acesso em: 22 dez. 2012.

GIFFORD-SMITH, M. E.; BROWNELL, C. A. Childhood peer relationships: Social acceptance, friendships, and peer networks. *Journal of School Psychology*, Philadelphia, v. 41, n. 4, p. 235-284, jul.-ago. 2003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022440503000487>. Acesso em: 15 jan. 2013.

GREIG, J. R. *Reconsidering Intellectual Disability: L'Arche, Medical Ethics, and Christian Friendship*. Washington: Georgetown University Press, 2015.

HAMM, J. V. Do birds of a feather flock together? Individual, contextual, and relationship bases for African American, Asian American, and European American adolescents' selection of similar friends. *Developmental Psychology*, Washington, v. 36, n. 2, p. 209-219, 2000.

HARASYMIW, S. J.; HORNE, M. D.; LEWIS, S. C. A longitudinal study of disability group acceptance. *Rehabilitation Literature*, Washington, v. 37, n. 4, p. 98-102, abr. 1976. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1978-03184-001>. Acesso em: 15 jan. 2023.

HARTUP, W. W. Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, Washington, v. 44, n. 2, p. 120-126, 1989. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1989-25594-001>. Acesso em: 8 fev. 2023.

HATTON, C.; AGER, A. Quality of life measurement and people with intellectual disabilities: A reply to Cummins. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 15, n. 3, p. 254-260, ago. 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1468-3148.2002.00124.x>. Acesso em: 21 jan. 2013.

HÉRAN, F. La sociabilité, une pratique culturelle. *Economie et Statistique*, Montrouge, v. 216, n. 1, p. 3-22, dez. 1988. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1988_num_216_1_5267. Acesso em: 14 jun. 2012.

HINDE, R. A. Relationships: A Dialectical Perspective. Hove: Psychology Press, 1997.

HINDE, R. A. Towards Understanding Relationships. Londres: Academic Press, 1979.

HUGHES, C.; CUTTING A. L.; DUNN, J. Acting nasty in the face of failure? Longitudinal observations of “hard-to-manage” children playing a rigged competitive game with a friend. *Journal of Abnormal Child Psychology*, Dordrecht, v. 29, p. 403-408, out. 2001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1010495319182>. Acesso em: 8 fev. 2023.

JANUS, A. L. Disability and the transition to adulthood. *Social Forces*, Oxford, v. 88, n. 1, p. 99-120, set. 2009. Disponível em: <https://academic.oup.com/sf/article-abstract/88/1/99/1882840>. Acesso em: 16 jun. 2022.

KNOX, M.; HICKSON, F. The Meanings of Close Friendship: The Views of Four People with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 14., n. 3, p. 276-291, out. 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1468-3148.2001.00066.x>. Acesso em: 8 jan. 2013.

LINSEY, E. W. Preschool children’s friendships and peer acceptance: Links to social competence. *Child Study Journal*, [s.l.], v. 32, n. 3, p. 145-156, set. 2002. Disponível em: <https://www.andrews.edu/~rbailey/Chapter%2013/9209884.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2012.

LUNSKY, Y. Individual differences in interpersonal relationships for persons with mental retardation. *International Review of Research in Mental Retardation*, Nashville, v. 31, p. 117-161, maio 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0074775005310044>. Acesso em: 26 set. 2013.

MARAS, P.; BROWN, R. Effects of Contact on Children’s Attitudes Toward Disability: A Longitudinal Study. *Journal of Applied Social Psychology*, Hoboken, v. 26, n. 23, p. 2113-2134, dez. 1996. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1559-1816.1996.tb01790.x>. Acesso em: 19 out. 2013.

MASON, P. et al. How do People Described as Having a Learning Disability Make Sense of Friendship? *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 108-118, dez. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jar.12001>. Acesso em: 6 nov. 2011.

MCCONKEY, R.; MEZZA, F. Employment Aspirations of People with Learning Disabilities Attending Day Centres. *Journal of Learning Disabilities*, Oxford, v. 5, n. 4, p. 309-318, dez. 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/146900470100500403>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MIELL, D.; MACDONALD, R. Children’s Creative Collaborations: The Importance of Friendship When Working Together on a Musical Composition. *Social Development*, Guildford, v. 9, n. 3, p. 348-369, dez. 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9507.00130>. Acesso em: 16 jun. 2022.

OSBORNE, S. S.; SCHULTE, A. C.; MCKINNEY, J. D. A Longitudinal Study of Students with Learning Disabilities in Mainstream and Resource Programs. *Exceptionality*, v. 2, n. 2, p. 81-

95, 1991. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09362839109524769>. Acesso em: 18 maio 2013.

PARKER, J. G.; SEAL, J. Forming, Losing, Renewing, and Replacing Friendships: Applying Temporal Parameters to the Assessment of Children's Friendship Experiences. *Child Development*, v. 67, n. 5, p. 2248-2268, 1996. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01855.x>. Acesso em: 11 maio 2022.

POCKNEY, R. Friendship or Facilitation: People with Learning Disabilities and Their Paid Carers. *Sociological Research Online*, v. 11, n. 3, p. 89-97, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.5153/sro.1382>. Acesso em: 18 maio 2013.

RA, Y. A.; KIM, W. H. Impact of Employment and Age on Quality of Life of Individuals with Disabilities: A Multilevel Analysis. *Rehabilitation Counselling Bulletin*, v. 59, n. 2, p. 112-120, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276856880>. Acesso em: 21 maio 2013.

RAWLINS, W. K. *Friendship Matters: Communication, Dialectics, and the Life Course*. Cidade: Routledge, 1992.

REIMER, K. S. *Living L'arche: Stories of Compassion, Love and Disability*. Cidade: Liturgical Press, 2009.

RIZZO, T. A.; CORSARO, W. A. Social Support Processes in Early Childhood Friendship: A Comparative Study of Ecological Congruences in Enacted Support. *American Journal of Community Psychology*, v. 23, n. 3, p. 389-417, 1995. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1007/BF02506950>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SABAZ, M. et al. The Health-Related Quality of Life of Children with Refractory Epilepsy: A Comparison of Those With and Without Intellectual Disability. *Epilepsia*, v. 42, n. 5, p. 621-628, 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1528-1157.2001.25200.x>. Acesso em: 24 jul. 2013.

SALISCH, M. V. Children's Emotional Development: Challenges in their Relationships to Parents, Peers, and Friends. *International Journal of Behavioural Development*, v. 25, n. 4, p. 310-319, 2001. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01650250143000058>. Acesso em: 21 maio 2023.

SANCHEZ, E. V. et al. Autodeterminación en personas con discapacidad intelectual y del desarrollo: revisión del concepto, su importancia y retos emergentes. *Revista Española de Discapacidad, Madri*, v. 6, n. 2, p. 7-25, dez. 2018. Disponível em: <https://www.cedid.es/redis/index.php/redis/article/view/459>. Acesso em: 3 maio 2022.

SANTOS, F. R. *Amigos y redes sociales: Elementos para una sociología de la amistad*. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1994.

SEBANC, A. M. The Friendship Features of Preschool Children: Links with Prosocial Behaviour and Aggression. *Social Development*, Guildford, v. 12, n. 2, p. 249-268, abr. 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9507.00232>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMPKINS, S. D.; PARKE, R. D. Do Friends and Nonfriends Behave Differently? A Social Relations Analysis of Children's Behavior. *Merrill Palmer Quarterly*, Detroit, v. 48, p. 263-283, jul. 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/247827979>. Acesso em: 3 maio 2022.

SOUZA, L. K. de; HUTZ, C. S. A Qualidade da Amizade: Adaptação e Validação dos Questionários McGill. *Aletheia*, Lisboa, v. 25, p. 82-96, jun. 2007. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236323>. Acesso em: 16 jun. 2022.

STEPHENS, D. L.; COLLINS, M. D.; DODDER, R. A. A longitudinal study of employment and skill acquisition among individuals with developmental disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, Londres, v. 26, n. 5, p. 469-486, set.-out. 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0891422205000028>. Acesso em: 14 out. 2012.

STEVENS, G. Employers' Perceptions and Practice in the Employability of Disabled People: A Survey of Companies in Southeast UK. *Disability & Society*, Abingdon, v. 17, n. 7, p. 779-796, Jul. 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0968759022000039073>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SUÁREZ, M. L.; SÁNCHEZ, L. E.; RODRÍGUEZ, M. A. Relaciones Interpersonales en Niños y Jóvenes con Trastornos del Espectro del Autismo y Discapacidad Intelectual. *Revista Española de Discapacidad*, Madri, v. 3, n. 1, p. 77-91, jun. 2015. Disponível em: <http://riberdis.cedid.es/handle/11181/4616>. Acesso em: 14 jan. 2013.

SWITZKY, H. N. The Importance of Cognitive-Motivational Variables in Understanding Mental Retardation in the 21st Century. In: SWITZKY, H. N.; GREENSPAN, S. (eds.). *What is mental retardation: Ideas for an evolving disability in the 21st century*. Washington: American Association on Mental Retardation, 2006. p. 267-282

TAMM, M.; PRELLWITZ, M. If I had a Friend in a Wheelchair: Children's Thoughts on Disabilities. *Child: Care, Health and Development*, Zürich, v. 27, n. 3, p. 223-240, jun. 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11350451/> Acesso em: 16 jan. 2022.

TOMADA, G. Disagio scolastico e bambini senza amici. *Età Evolutiva*, Firenze, v. 71, p. 92-98, fev. 2002.

UHLENDORFF, H. Elterliche soziale Netzwerke in ihrer Wirkung auf die Freundschaftsbeziehungen der Kinder. *Psychologie in Erziehung und Unterricht*, München, v. 43, p. 127-140, jan. 1996.

VEIGA, C.; FERNANDES, L. Relações Sociais e de Interação. In: VEIGA, C. V.; FERNANDES, L. M. (org.) Inclusão profissional e qualidade de Vida. Vila Nova de Famalicão. Húmus, 2014. p. 53-106

VEIGA, C.; FERNANDES, L. Relações Sociais e de Interação. In: VEIGA, C. V.; FERNANDES, L. M. (org.) Inclusão profissional e qualidade de Vida – Atualização longitudinal. Vila Nova de Famalicão: Selprinter, 2024. p. 51-104

WALDEN, S.; PISTRANG, N.; JOYCE, T. Parents of Adults with Intellectual Disabilities: Quality of Life and Experiences of Caring. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 13, p. 62-76, dez. 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1468-3148.2000.00002.x>. Acesso em: 11 mai. 2011.

WALSH, P. N. et al. Healthy Ageing – Adults with Intellectual Disabilities: Women's Health and Related Issues. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 14, p. 195-217, out. 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1046/j.1468-3148.2001.00068.x>. Acesso em: 11 mai. 2011.

WEISERBS, B.; GOTTLIEB, J. The Effect of Perceived Duration of Physical Disability on Attitudes of School Children Toward Friendship and Helping. *Journal of Psychology*, Philadelphia, v. 134, n. 3, p. 343-345, maio 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223980009600874>. Acesso em: 16 jun. 2022.

WENDELBORG, C.; TØSSEBRO, J. Marginalisation Processes in Inclusive Education in Norway: A Longitudinal Study of Classroom Participation. *Disability & Society*, Abingdon, v. 25, n. 6, p. 707-714, out. 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/09687599.2010.505744?needAccess=true>. Acesso em: 6 out. 2021.

WERNER, E. E. Risk, Resilience, and Recovery Perspectives from the Kauai Longitudinal Study. *Development and Psychopathology*, Cambridge, v. 5, p. 503-515, ago. 1993. Disponível em: <https://raggeduniversity.co.uk/wp-content/uploads/2025/02/werner1993.pdf> Acesso em: 16 jun. 2022.

WIENER, J.; SCHNEIDER, B. H. A Multisource Exploration of the Friendship Patterns of Children with and Without Learning Disabilities. *Journal of Abnormal Child Psychology*, Ottawa, v. 30, p. 127-141, abr. 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1014701215315>. Acesso em: 16 jun. 2022.